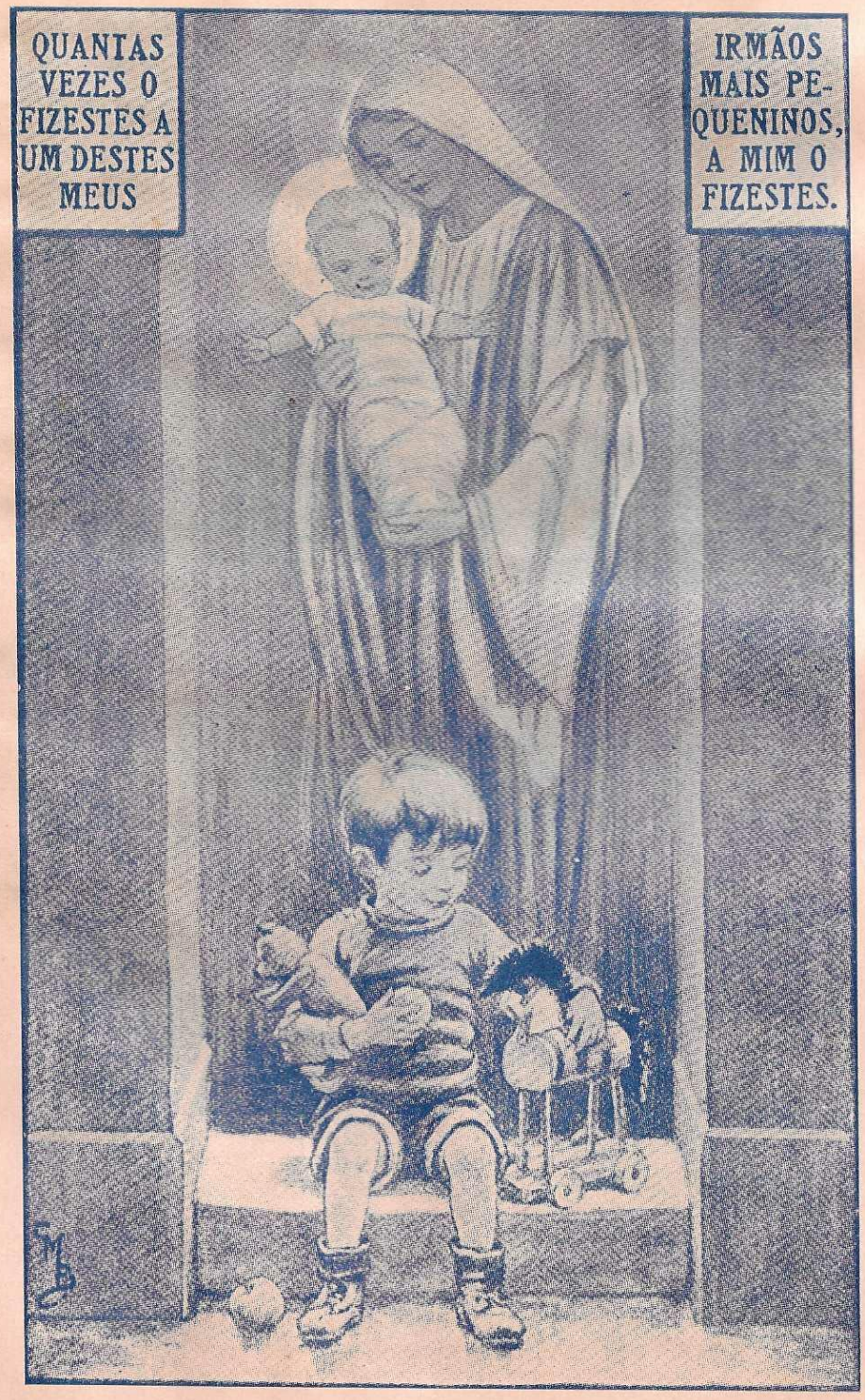
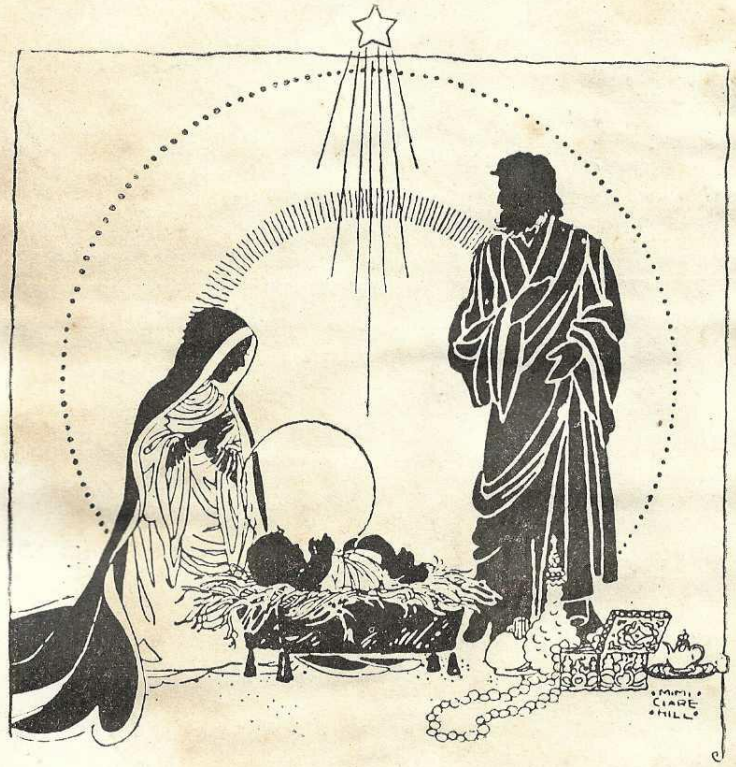
ano XV

Bem-Te-Vi

n.ro XII



Dezembro de 1937



Ave, Cristo!

O' Luz do Amor Divino
que lá do Ceu baixou
e enfim nosso destino
eterno revelou!

Jesus, recebe o preito,
a intensa adoração
que vem de nosso peito
em cálida oblação!

A vida iluminou-se,
Jesus, ao teu nascer;
e o teu lampejo doce
nos fez reverdecer,

e a terra seca e triste,
e ao mundo pecador,
o mundo que remiste,
bendito Salvador!

O. M.

Bem-Te-Vi

MATRICULADO CONFORME O DECRETO 24.776 DE 14 DE JULHO DE 1934.

ANO XV N.º 12
REVISTA MENSAL

REDAÇÃO: AV. CONDESSA DE SÃO JOAQUIM, 155
OFICINAS: RUA DA LIBERDADE, 117

ASSINATURAS
ANUAL . . . . 10$000
AVULSO . . . . 1$000

Redatoras: NANCY R. HOLT
ADELINA DE CERQUEIRA LEITE
Desenhista: CELIA ROCHA BRAGA

São Paulo, Dezembro de 1937

Gerente responsavel:
SERVULO C. SANT'ANNA
Sub-Gerente: FERNANDO BUONADUCE

a Flauta-Mágica

Numa ilha, perto de pequena cidade, vivia um menino de nome João Flautim, sòzinho com o seu rebanho de cabras. Para se distrair, costumava ele tocar em flautinhas de salgueiro que ele proprio fazia. Morava num forte abandonado no fim da ilha; as cabras pastavam na vegetação que crescia nas circunvizinhanças.

Felizmente João Flautim gostava de suas flautinhas e cabras, porque só de quando em vez aparecia alguem por lá para comprar leite de cabra, queijo, e mesmo assim só gritava do barco o que queria. João Flautim tinha sido criado pelo avô, um velho eremita rabugento que nunca permitira que alguem pusesse pé na ilha. Eis porque, mesmo depois de sua morte, ninguem se atrevia a desembarcar lá.

Num dia de inverno, João Flautim estava sentado no alto da torre do forte, tocando flauta. Em dado momento, ele pôs de lado seu instrumento e ficou a olhar a cidade, do outro lado das aguas frias e acinzentadas. Flocos macios de neve empanavam o ar; os telhados vermelhos das casas mal se mostravam sob aquele lençol imaculado.

"Mas que agitação vai por lá!" pensou João Flautim. "Como corre aquela gente e quantos pacotes eles

carregam ! Tudo lá parece vermelho, verde, brilhante !"

Nisso, inclinou-se na janella da torre e exclamou :

— Ora, mas é tempo do Natal !

João Flautim gostava do Natal. Era agradavel ouvir o badalar dos sinos do outro lado da agua. No ano anterior um pescador lhe dera uma maçã e alguem mesmo havia atirado na sua ilha uma meia vermelha cheia de doces ! Sim, ele gostava do Natal ! Descendo a correr a escada de pedra, João Flautim foi-se reunir ao rebanho de cabras.

— Olhe aqui, disse ele ao Bode Cinzento, que dia é hoje ?

— E' véspera do Natal, respondeu imediatamente o Bode Cinzento, que sempre sabia respostas para tudo.

— Pois bem, tornou João Flautim, ofegante, você sabe o que eu vou fazer ? Quero ir à cidade e ver o Natal !

— E porque não ? retrucou calmamente o Bode Cinzento.

João Flautim olhou para ele, irritado. Nunca na sua vida João Flautim fôra à cidade e agora que contava seu plano, Bode Cinzento só continuava a mastigar daquele jeito. Que bode !

— Você sabe de um modo para eu lá ir ter ? perguntou João Flautim polidamente.

— Levá-lo-ei ás costas, se quiser, disse o Bode Cinzento. De vez em quando atravesso a nado o canal e dou um giro por lá.

João Flautim olhou com alto respeito para o Bode Cinzento. A gente nunca podia saber das artes dele — nunca ! Mas João Flautim só disse :

— Obrigado, Bode Cinzento.

E ele montou nas costas do Animal.

Escuras e geladas eram as ondas ; grandes flocos de neve escorriam pela face do menino. Mas tudo era divertido. Cada vez mais aproximavam-se da cidadezinha. João Flautim já podia ver grinaldas verdes nas portas, brinquedos nas vitrinas e ouvir crianças cantando e o retinir dos sininhos dos trenós. Tinha uma sensação de alegria transbordante. Ele ergueu os olhos para o castelo que subia até o céu. De uma de suas janelas uma menina com tranças douradas acenava-lhe alegremente !

— Ela acena para *mim*, disse João Flautim.

— Aquela é a filha do Duque, explicou o Bode Cinzento. Ela acena para todo o mundo. Não tem com quem brincar lá no castelo e porisso passa o tempo a saudar os outros. Faz isso até para mim, quando me avista nas noites de luar.

— Interessante, disse João Flautim.

Nesse momento chegaram aos degraus do embarcadouro e João Flau-

tim pulou das costas do Bode Cinzento.

— Passeie uma ou duas horas, disse-lhe este. Enquanto isso, vou-me enrolar no capim seco por aqui para me aquecer um pouco.

João Flautim subiu a escadinha e foi para a cidade. Ele estava maravilhado. Havia tantas coisas para ver que não podia evitar os encontrões que dava no pessoal. Aquelas vitrinas cheias de tambores, caminhões vermelhos, bolas prateadas — tudo era novidade para ele! Lojas e lojas repletas de doces, balas e caramelos! Outras, cheias de laranjas, uvas, maçãs! Confeitarias expondo pudins, tortas e bolos! Que perfume vinha dali! Numa vitrina, um trenzinho corria sobre trilhos!

João Flautim andou de lá para cá, como que mergulhado num sonho maravilhoso. Ao deparar com uma arvore de Natal toda enfeitada de prata, iluminada de velinhas de todas as cores, João Flautim deu cabriolas de alegria.

Afinal foi ter ao páteo do castelo. Ora, aquela cidade tinha um curioso costume: ninguem comprava presentes até a véspera do Natal. Nesse dia, era uma correria louca pelas lojas. Para facilitar a coisa, o Duque tinha uma lista com o nome de todos pendurada ao muro do castelo. Quem queria dar um presente a alguem fazia uma cruz adiante do nome da pessôa. Esta, por sua vez, na véspera do Natal, ia ver quanta gente lhe ia dar presentes e comprava numero igual deles para retribuir. Era um costume extravagante, *sem duvida*.

João Flautim tambem viu a lista.

— Upa! Quantos presentes para a filha do Duque! ele disse ao reparar nas filas de cruzes depois do nome dela.

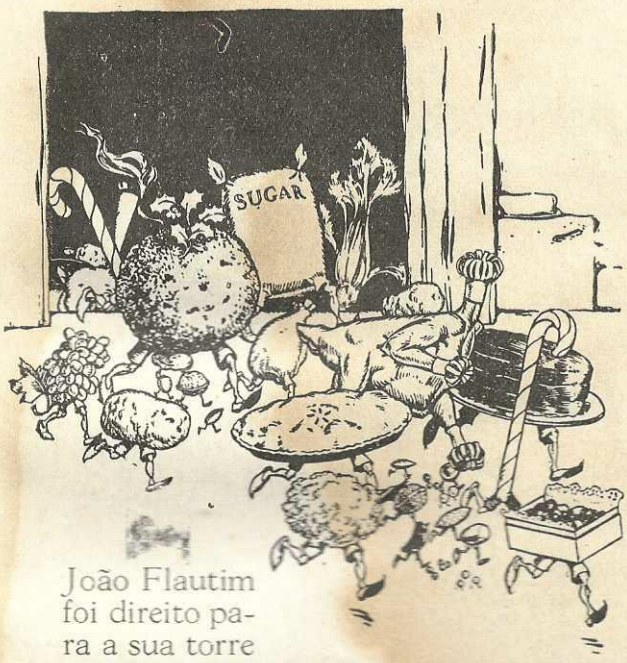
Então percorreu a lista procurando o seu nome. Lá estava ele, bem no fim, sem cruz alguma na frente. João Flautim mal podia crer! Nem um presente para ele! Ficou alí, olhando, olhando.

O caso era unicamente que aquele povo se tinha esquecido de João Flautim no inverno. Não fizeram isso propositalmente, mas *era* mesmo mesquinho da parte deles não se darem ao trabalho de lembrar! Assim sentia João Flautim. Ele ficou ali na neve e cada vez se enchia mais de raiva. Ninguem lhe ia dar um presente! E havia tantos em toda a parte! Virou nos calcanhares e pôs-se a caminho, de volta ao ancoradouro.

Esperava-o ali o Bode Cinzento, que ao ver a cara fechada de João Flautim, não fez mais que entrar na agua.

— Ninguem em toda esta cidade me vai dar um presente, disse João Flautim com amargura.

Ele pulou nas costas do Bode Cinzento e lá se foram os dois por entre as ondas agitadas. Chegando à ilha,



João Flautim foi direito para a sua torre e começou a andar de lá para cá, raivoso, dando pontapés nas lages do chão.

— Estimo que esteja zangado em vez de triste, disse o Bode Cinzento atrás dele. Seu avô sempre dizia que se um dia você ficasse com raiva da cidade eu devia mostrar-lhe a flauta dele. Você sabe que seu avô foi Flautista-Mágico ?

— Desses que fazem os outros seguí-los ao som da flauta ? perguntou o menino, acendendo os olhos.

— Isso mesmo ; e a flauta dele está alí na prateleira mais alta, tornou o Bode Cinzento, afastando-se sem ruído.

João Flautim sentou-se e ficou a olhar a prateleira. Amanhecia e fóra só caiam esparsos flocos de neve. Então ele retirou a flauta – mágica da prateleira.

"Mas como saber a quem chamar ?" perguntou a si mesmo o menino, soprando algumas notas.

Então sentiu uma extranha sensação ao perceber que havia tocado uma pequena aria de sua propria composição. Repetiu-a muitas vezes e eis que ouviu um patear ruidoso. O rebanho de cabras entrou correndo no quarto.

— Não, não ! disse João Flautim. Não tive a menor intenção de chamá-las aqui ! Posso vê-las quando quiser !

Então ele tentou tocar outra aria. Fóra da janela — téf, téf — ele viu peixes de prata pularem da agua e subirem aos pulinhos os degraus da torre.

— Não, não ! Não os quero aqui ! ele gritou, parando de tocar imediatamente.

Os peixes voltaram para a agua com grande alivio.

"Preciso tocar uma melodia muito especial para que chegue até a cidade", pensou João Flautim. "Ja sei ! Tocarei uma musica que faça todos os presentes de Natal virem para cá. Vai ser divertido !"

Ele esperou à janela até que viu, uma por uma, apagarem-se todas as velinhas da cidade. Quando tudo ficou às escuras, tomou a flauta-mágica e tocou uma modinha alegre, mas muito exquisita, própria mesmo para chamar só os brinquedos, não as crianças, o que seria uma crueldade, com aquele frio !

Não tardou a que ouvisse rumores abafados na cidade, portas que se abriam, correrias confusas. Que teria sucedido ? A' luz branda do luar ele julgou avistar movimento no embarcadouro do outro lado. Realmente, botes e mais botes eram lançados ao mar.

"Olá ! *Espero* que sejam os presentes de Natal !" pensou João Flautim.

E *o que* mais poderia ser ?

Ele continuou a tocar, tocar. Ouviu os botes abordarem à terra e o Bode Cinzento dizer :

— Ho, ho, sêde benvindos ! Por aqui é o caminho.

João Flautim pensou que não se tratava dos presentes de Natal. Foi correndo abrir de par em par a porta do forte, sempre soprando a sua flauta.

Então veiu entrando a procissão mais extravagante possivel ! Perús, pudins, bolos, doces, batatas, cereais, sacos de açucar, uvas, tortas, pernis de porco, nozes — enfim, tudo de comer que havia na cidade marchava pelo forte a dentro.

Passado o primeiro instante de perplexidade, João Flautim trocou um olhar com o Bode Cinzento e ambos desataram a rir.

— Desta vez você *pregou* uma peça e tanto ao pessoal ! disse o Bode Cinzento. Esta é boa — muito boa ! Deixe que eles venham cá buscá-los. Agora vá-se deitar, João Flautim.

O menino ferrou no sono e só acordou na manhã seguinte com umas chuçadas do Bode Cinzento. Este estava agitadissimo.

— Levante-se, João Flautim, disse ele. Estão chegando botes e mais botes. Num deles vem o proprio Duque. Parece que a filha ôntem à noite viu da janela os petiscos de Natal partindo para a ilha.

— Devo descer ? perguntou João Flautim.

O Bode Cinzento tornou :

— Tomei a liberdade de dizer ao Duque que nós não podiamos devolver os comes e bebes uma vez que eles cá vieram ter por sua livre e expontânea vontade. Mas acrescentei que você teria muitc prazer em receber todo o mundo aqui para um jantar em comum. Só que, naturalmente, para mostrarem polidês, cada um devia trazer um presente de Natal para você.

— Bode Cinzento, disse João Flautim com seus cabelos arrepiados de prazer, você é um animal extraordinario !

Pois foi um jantar e tanto aquele, no grande saguão do forte ! Até o Duque e a filha compareceram, cada um trazendo para João Flautim um presente amarrado com fios de ouro. Depois do jantar todo o povo cantou hinos de Natal e João Flautim, ajudado pelo Duque e a filha abriu seus presentes, em numero de trezentos e trinta e tres ! O mesmo fizeram as outras pessoas, em meio de alegria geral.

Desde então as crianças da cidade vinham frequentemente brincar com João Flautim e com seus presentes e cabras. A filha do Duque, então, amiudou tanto as suas visitas e tantas vezes João Flautim foi visitá-la no seu palacio, que ela já não tinha de ficar sòzinha à janela, acenando para as pessoas.

Quanto à flauta-mágica, João Flautim guardou-a de novo no alto da prateleira. Era sem duvida muito interessante soprar numa flauta como aquela, mas a gente nunca sabe ao certo o que *pode* lá acontecer !

• *Petiscos para os Bem-Te-Vistas* •

COCADINHAS DE ABRICO'

24 abricós secos.
1 côco.
2 colheres de chá de suco de laranja.
2 colheres de mesa de açucar.

Lave e enxugue bem os abricós. Passe-os e ao côco na máquina de picar carne. Adicione o succ de laranja, o açucar e mexa até ligar bem. Faça umas cocadinhas e role-as sobre açucar. Esta receita dá para duas duzias de cocadinhas.

DOCES PARISIENSES

250 gramas de tâmaras.
125 gramas de côco ralado.
½ copo de nozes picadas.
250 gramas de figo seco, ou meio por meio de abricó.
1 colher de mesa de casca de laranja, ralada, ou de laranja cristalizada, picada.

Passe as tâmaras, os figos e o côco na máquina. Ajunte o suco de laranja e a casca da mesma, misturando bem todos os ingredientes e formando bolinhos.

CARAMELOS

Ponha em assadeira ligeiramente untada de manteiga parte da massa dos *Doces Parisienses*, da receita acima. Nivele a massa e divida-a em quadradinhos, mas só marcando-os com uma faca, na superficie. Coloque meia noz ou uma cereja ou um pedaço de laranja cristalizada sobre cada um. Leve a assadeira à geladeira elétrica e deixe gelar bem. Corte fundo os quadrados com faca préviamente imersa em agua.

R u g o s o

Flavinho pensou que, se acabasse logo tudo que tinha de fazer para o outro dia, que era Natal, ele chegaria mais depressa.

Tomou sua sopa. Bebeu o leite. Comeu o ovo quente tão depressa que a colher batia nos seus dentes. Até comeu uma banana assada, de que não gostava muito. Então tirou o guardanapo e subiu a escada correndo.

— Traga-me uma de suas meias, filhinho, pediu a mamãe.

Flavinho correu e logo voltou com a meia mais comprida que pôde achar. Mas ainda estava com medo que fosse pequena.

— Preciso ir dependurá-la eu mesma, disse a mamãe, porque a lareira fica na sala de visitas e lá você não pode entrar. Há uma surpresa...

Flavinho foi para a cama e fechou os olhos bem forte para chegar depressa o Natal.

Na manhã seguinte ele acordou e logo lembrou que era dia de Natal.

Correu para a sala de visitas e ouviu umas vozes lá dentro. A mamãe e o papai abriram a porta e disseram:

— Pode entrar, Flavinho!

O pinheiro de Natal estava todo iluminado, faiscando de ouropél. Mas Flavinho correu direito para a lareira. Alí estava pendurada a meia de sua irmãzinha, toda retorcida com as formas dos brinquedos, dentro. Mas a meia dele não estava alí!

Flavinho ficou mudo de tristeza e seus olhos encheram-se de lagrimas. Nisso, ouviu um barulhinho e olhou para baixo.

Viu então sua meia presa com alfinete numa meia do papai, que estava no chão. A dele estava transbordando. Mas a do papai mexia no chão! Parecia viva. E da perna dela estavam saindo uma cabeça e duas patas, que mexiam tambem.

Era um cachorrinho de verdade!

— E' para mim? perguntou Flavinho.

— E' sim, respondeu o papai. Tire-o da meia com cuidado e deixe-o brincar.

Flavinho tirou o cachorrinho. Ele era tão pequeno que tinha-se acomodado dentro da meia do papai. Mas, naturalmente, Flavinho compreendeu logo que não teria propósito pendurá-lo na lareira!

Depois de dar um estremeção, o cachorrinho começou a andar. Suas patinhas eram tão curtas e o corpinho tão gorducho que mal parecia firmar-se no chão. De repente deu uma cambalhota.

Deitou-se, então, com a cabeça entre as patinhas, e começou a olhar para Flavinho. E a cara dele foi ficando cheia de rugas. Por isso ficou chamado Rugoso.

Abaixando-se, Flavinho disse:

— Aqui, Rugoso!

Rugoso curvou-se todo e lambeu a mão do menino. Era engraçado

sentir aquela linguinha umedecendo a mão. Rugoso dava fungadinhas enquanto lambia. Flavinho nunca tinha recebido um presente tão de seu gosto.

Nisso, Rugoso reparou no chinelinho de Flavio e enfiou nele seus dentinhos afiados.

— Grr-r ! rosnou Rugoso, puxando uma orelha do coelho de feltro do chinelo de Flavio.

— Epa ! exclamou o pai de Flavio. Não deixe que ele faça isso ! E' seu cachorrinho agora e você precisa educá-lo. Não vai querer que ele mastigue tudo que encontra !

Flavinho tirou o chinelo de Rugoso. Enquanto abria os outros presentes e a sua meia, o cachorrinho andava pela sala.

Flavinho encontrou uma coleira de couro, com uma placa brilhante, onde estava escrito *Rugoso*. Tambem havia uma correia com uma argola na ponta para ligar na coleira, e um osso de borracha para o cãozinho mascar.

— Rugoso precisa de um brinquedo assim, para largar de orelhas de coelho, disse o papai. E é mesmo bom para ele mascar alguma coisa, como faz sua irmãzinha quando saem os dentinhos.

Flavinho começou a brincar com uma bola enquanto Rugoso rosnava com o osso na boca. Mas de repente Rugoso pulou em cima da bola e prendeu-a na boca. Depois deixou a bola cair e empurrou-a com o focinho para perto de Flavio.

— Olhem ! Ele quer brincar com a bola, tambem ! gritou o menino.

Os dois brincaram toda a manhã. Então Rugoso começou a choramingar.

— Que é que ele tem ? perguntou Flavinho.

— Talvez fome, disse a mamãe. Você não sente fome ?

— Sinto, sim, concordou Flavio.

— Pois então ! Ele tambem.

— O que vou dar para ele ? perguntou Flavinho.

— Tudo que você come, disse a mamãe.

A mamãe trouxe dois pratos iguais, com bife, espinafre e pirão. Rugoso lambeu todo o espinafre e ficou com o nariz sujo. Depois ele bebeu leite, que ficou gotejando pelos fiozinhos de bigode.

— Que é que se faz agora ? perguntou a mamãe.

— A gente lava a mão, respondeu Flavinho.

Então ele lavou as mãos e o rosto. Depois, com um pedaço de trapo, limpou a cara de Rugoso.

— Agora é hora de que ? perguntou a mamãe.

— De tomar oleo de figado de bacalhau, disse Flavinho. Rugoso tambem vai tomar !

Então cada um deles tomou uma colher do oleo e Rugoso ainda lambeu a colher. Flavinho não queria falar o que devia fazer depois, porque era hora de dormir e ele não gostava disso. Mas teve uma boa idéia.

— Rugoso tambem vai dormir ! ele exclamou.

Então os dois foram para cima e arranjaram uma cama para Rugoso, perto da de Flavinho. Era feita de um cobertor velho do menino.

— Quando acordarem, podem passear, disse a mamãe.

— Com Rugoso junto ! gritou Flavinho.

Os dois meteram-se nas camas, mas antes de dormir Flavinho pensou :

"Isto é que é presente, porque dura mesmo".

E Rugoso pensou :

"Isto é que é vida, porque é boa mesmo !"

DOIS PRESENTES

As lojas de Movilópolis tinham uma aparencia alegre com todos aqueles bolos, brinquedos e velinhas de Natal. Porém ainda mais alegre que tudo isso estava o coração de serragem do macaquinho Flú-Flú. Pendurado na vitrina de um Bazar, ele pensava lá consigo:

"Logo alguem virá comprar-me e me dará de presente a um menino. Então, sim, alguem brincará comigo !"

Na verdade, o macaquinho Flú-Flú já havia escolhido o menino a quem queria pertencer. Tinha visto esse menino na rua, parado em frente da vitrina. Ele vinha sempre alí e achatava o narizinho contra o vidro e ficava olhando, olhando os brinquedos. Flú-Flú ficou orgulhoso e feliz ao perceber que o menino olhava para ele demoradamente, mais do que para o trenzinho ou pião vermelho. O menino não vestia um terninho novo como muitas crianças ; sua roupa estava remendada nos cotovelos e joelhos, mas Flú-Flú ficou gostando daquela carinha alegre.

"Um menino assim é que havia de saber brincar comigo," disse de si para si o macaquinho.

Um dia ele pensou que o menino ia comprá-lo, porque veiu acompanhado de uma moça alta, com avental e touca branca, que devia ser sua irmã mais velha. Os dois pararam diante da vitrina. O menino apontou para o macaquinho Flú-Flú e parecia dizer :

— E' aquele alí. Por favor, compre-o para mim !

Flú-Flú sentiu que parou seu coração de serragem, enquanto esperava o que a moça ia fazer. Pela ruga que se formou entre seus olhos, ela parecia muito preocupada, ao passo que fazia retinir alguma coisa no bolso. Depois, meneou devagar a cabeça. O macaquinho pensou que ia até chorar. Mas nisso, ela foi-se embora com o menino.

O dia inteiro entrou e saiu povo, comprando presentes para as crianças. Lá se foram o trenzinho, o pião vermelho, a boneca de vestido de seda azul ! Outros brinquedos novos foram postos em seus lugares. Um calafrio correu pela espinha de Flú-Flú, em baixo do seu casaquinho vermelho. E se ninguem o comprasse e ele tivesse de ficar sòzinho na vitrina, no dia de Natal, enquanto todos os outros brinquedos recebiam carinhos e divertiam-se ? Ficou triste, triste, pensando assim. Mas naquele momento viu dois homens diante da vitrina olhando para ele. Um destes apontou Flú-Flú para o outro com a ponta da bengala. Então riram alto, um bateu no hombro do outro e ambos entraram na loja falando e dando gargalhadas.

Vendo aqueles cavalheiros tão finos, o caixeiro apressou-se em vir serví-los e a seu pedido trouxe-lhes o macaquinho.

"Afinal !" pensou Flú-Flú ; "afinal alguem vai brincar comigo !"

Mas ele ficou logo meio triste porque aqueles homens eram exquisitos e diziam umas coisas feias que não podia compreender bem. Um deles falou :

— Que pândega ! Dar um macaco como presente de Natal para o velho

DE NATAL

Zangão ! Quasi estouro de rir só em pensar nisso.

— Pois se já faz pelo menos vinte anos que o velho Zangão não ri ! Será que vai rir quando desembrulhar este macaco no dia de Natal ?

— Garanto que não ! Vai ficar com o rosto afogueado de raiva. Ninguem mais em Movilópolis se atreveria a pregar tal peça no velho Zangão.

Então o macaquinho Flú-Flú foi enrolado num pedaço de papel. Ainda pôde ouvir as risadas abafadas dos homens e um endereço, que foi escrito no lado de fóra do pacote. E lá ficou ele, muito tempo, contando as horas, até a manhã do Natal. Afinal chegou o grande dia e ele foi aos trambolhões levado para muito longe. Então tilintou uma campainha e entregaram-no a uma empregada, que mostrou admiração por receber um pacote no dia de Natal. Ela disse :

— Está, sim ; o Snr. Zangão está em casa, mas certamente não espera um presente de Natal.

A criada carregou o pacote para cima e entregou-o para uma pessoa que apertou forte o macaquinho e disse com voz áspera :

— Um presente de Natal ? Tolice chapada ! Que ridículo ! que asneira !

"Não faz mal", pensou o pobre macaquinho. "Eu sei que ele vai mudar de idéia quando *me* vir".

Mas coitado de Flú-Flú ! Ele estava bem enganado, porque assim que o velho Zangão abriu o papel e deu com o macaquinho, ficou com o rosto vermelho de cólera, como tinha dito aquele homem.

"Ah", pensou o macaquinho, "ele não vai querer brincar comigo ! E' um velho rabugento e decerto não gosta de macacos".

— Uma péça ! gritou o velho Zangão, pisando duro, de lá para cá. Quem se atreve a pregar peças no velho Zangão ? Irra ! Presente de Natal ? Que insensatêz ! Eu não acredito no Natal !

— Desculpe, patrão, disse a criada com delicadeza, mas se o senhor conhecesse o meu irmãozinho, patrão, havia de crer no Natal.

Aquela voz era tão meiga que Flú-Flú virou seus olhinhos de botão para a moça. Imagine como ficou admirado: ela era a irmã *daquele* menino !

— Ora, ora e esta ! resmungou o velho Zangão, e porque haveria eu de crer no Natal se conhecesse seu irmãozinho ?

— Porque ele acredita tanto no Natal, patrão, ainda que seus presentes até hoje foram só uma maçã vermelha e um doce de vela. Mas nunca mostra o seu desaponto e está certo de que algum dia ainda há de ganhar um macaquinho Flú-Flú, igual a esse.

— Então por que razão ainda não comprou um para ele ? perguntou irritado o velho Zangão.

— Ah, patrão ! exclamou a empregada com aquela rugazinha preocupada entre os olhos, e então a conta da casa, do padeiro, do armazem ? Nunca o nosso dinheiro sobra.

— Historias ! retrucou o velho Zangão, esforçando-se por parecer mais rabugento que nunca.

Mas ele assoou alto o nariz e o macaquinho bem que percebeu que estava um pouco triste.

— Desculpe, patrão, disse a empregada com doçura, mas algum dia depois do Natal o senhor deixa que eu traga aqui o meu irmãozinho para ver o macaquinho Flu-Flu ? Ele ficaria tão contente que havia de subir a escada nas pontinhas dos pés para não o incomodar.

— Apre ! exclamou o velho Zangão, pisando duro. Traga seu irmão hoje mesmo, se quiser, mas ele que não me incomode, porque isso não aguento.

A mocinha corou de prazer e saiu. O Snr. Zangão andou de lá para cá muito tempo. De uma feita aproximou-se de Flú-Flú como se estivesse com vontade de brincar com ele. Mas depois sentou-se zangado para ler o jornal. No chão, muito quieto, o macaquinho só pensava no seu menino.

Por fim ouviu um barulhinho abafado como de um camondongo educado que subia a escada, entrava no quarto, e apareceu o menino, que olhou para o macaquinho, maravilhado.

"Agora vão brincar comigo", pensou Flú-Flú com alegria. O menino tomou-o nos braços, sorriu para ele e sacudiu-o um pouco para fazer retinir o guizinho do seu boné. Então sentou-se no chão e brincou com Flú-Flú, mas com muito, muito cuidado para não fazer barulho. Ora, o velho Zangão era curioso e em certo momento espiou por cima do jornal para ver o que estava acontecendo. E parece que nunca tinha visto um menino e um macaco brincarem, porque até se esqueceu do jornal. O menino estava-se divertindo tanto com o brinquedo que nem reparava no velho Zangão e porisso quasi morreu de susto quando de repente ouviu a voz áspera do velho, que dizia :

— Então você acredita em Natal, hein ?

— Ah, se acredito ! E o senhor ?

— Eu não ! Tolice descabida !

— E' porque o senhor não ganhou um presente de Natal.

— Mas eu ganhei, sim, disse o velho Zangão. Algum pândego mandou-me este macaco. Que idéia !

— Então é porque o senhor nunca deu um presente a alguem, disse o menino.

— Naturalmente que não. Você já deu ?

— Eu já. Não tinha dinheiro, mas dei para meus amigos os melhores presentes que podia imaginar. E até trouxe dois para o senhor.

— Para mim ? *Tu-tu-tu* ! Serio ?

— Serio, sim senhor. Quer que eu lhe dê já o primeiro ?

— Como quiser, disse o velho Zangão.

O menino ergueu-se e com os olhos brilhando e uma voz clara cantou um hino de Natal.

Quando terminou, o velho Zangão assoou outra vez o nariz e disse :

— Será possivel ? ! Acho que eu mesmo cantei isso quando era do seu tamanho. Como o tempo vôa !

— Agora, disse o menino, posso dar-lhe meu segundo presente ?

— Como não ! respondeu o velho, esquecendo-se de ficar zangado.

Então o menino fez uma coisa inesperada : deu um beijo bem no rosto do velho Zangão ! Este ficou sem saber o que fazer.

— Barbaridade ! ele exclamou. Há vinte anos que ninguem me beija !

O menino desatou a rir e deu-lhe outro beijo *de choro*. Então aconteceu outra coisa extraordinária — o velho Zangão começou a sorrir.

— Vamos lá a ver, disse êle sorrindo e esfregando as mãos, como é o seu nome ?

— Felix, disse o menino.

— Pois bem, Felix, agora *eu* vou dar para você dois presentes. Já jantou ?

— Sim, senhor — isto é, foi só um prato de sopa, uma maçã e um doce de vela, porque é dia de Natal.

— Imagine ! disse o velho Zangão, tocando uma campainha.

Entrou a irmã do menino, rosada e risonha, porque a porta tinha ficado aberta e ela tinha visto como as coisas iam bem.

— Aqui está uma nota de cem mil réis, disse o velho Zangão. Vá ao restaurante da esquina e compre um perú recheado e um bolo com "Feliz Natal" escrito em cima a chocolate, sobre o coberto branco, e outras coisas mais que achar bom para um jantar de Natal, completo. Felix e eu estamos com vontade de celebrar o Natal.

Logo depois a empregada voltava seguida de uma procissão de rapazinhos que traziam as compras : perú, bolo e muitas outras petiscarias. Foi divertido arranjar a mesa. O velho Zangão sorria, sorria. Flú-Flú chegou a pensar que o seu sorriso ia ficar cansado, depois de ter estado fóra de uso por tanto tempo. Mas não ficou, não. O velho Zangão, Felix, a sua irmã e Flú-Flú sentaram-se todos juntos e aquele jantar foi o mais alegre de toda a Movilópolis. Naturalmente, o estômago do macaquinho era de serragem e sua boca não passava de um fiozinho vermelho, de modo que não pôde provar o perú nem o bolo, mas estava contente da mesma forma.

De repente o velho Zangão tirou o guarda-napo do queixo e pôs no prato a perna de perú que estava acabando. Parecia ter lembrado de uma coisa importantissima.

— Ora bem ! declarou ele. Eu quasi estou — sim, eu estou mesmo começando a crer no Natal.

Felix não se conteve de gritar na mesa :

— Viva !

Depois que eles tinham comido o ultimo biscoito e a ultima noz, o velho Zangão disse :

— Agora, Felix, vou-lhe dar meu segundo presente. E' o macaquinho Flú-Flú. Pode levá-lo para sua casa.

Era isso mesmo que o nosso macaquinho estava querendo, porisso, de tanta alegria, seu coração de serragem quasi saltou do peito. Com os olhitos de botão revirando de gôzo, ele disse de si para si :

"Isto, sim, é que eu acho um "Feliz Natal !"

• *Petiscos para os Bem-Te-Vistas* •

MARZIPAN

750 gramas de amendoas.

½ quilo de açucar de 1.ª, bem peneirado.

Essencia de rosas suficiente para fazer uma pasta.

Descasque as amendoas e deixe-as de molho em agua fervente durante dois ou cinco minutos, até se enrugarem. Então tire-as da agua, esfregue-as para sair a pele e deixe-as secar. Depois de secas, amasse-as com o rolo, até as reduzir a uma massa, à qual ajunte a agua de rosas e o açucar. Faça uns docinhos ou abra a massa e corte em pedaços. Em cima de cada pedaço coloque uma cereja cristalizada. (Em vez de agua de rosas pode-se usar suco de limão ou outras frutas).

FUDGE CRU'

3½ chicaras (454 gramas) de açucar especial peneirado.

2 ovos bem batitos.

1 chicara de nozes picadas.

1 colher de chá de baunilha.

8 colheres de chocolate adocicado.

2 colheres de mesa de manteiga.

Adicione o açucar gradualmente aos ovos e mexa bem ; depois junte as nozes e a baunilha. Dissolva o chocolate em banho Maria, junte a manteiga e mexa. Misture esses aos primeiros ingredientes e despeje imediatamente numa fôrma de 20 por 10 centimetros. Quando firme, corte em vinte quadrados grandes.

Benjamim Guarda o

Longa fôra a jornada para aquele planalto proximo a Belém. Benjamin, o filho de Heman, estava fatigado, mas satisfeito porque os rebanhos iam descansar.

Enquanto as ovelhas e cabras pastavam as escassas hervas das vizinhanças, Benjamin arranjava feixes de lenha para o fogo da noite. Seu cachorro, Rufus, ia trotando atrás, farejando aqui e ali. A's vezes corria para reconduzir um cordeiro que se extraviava.

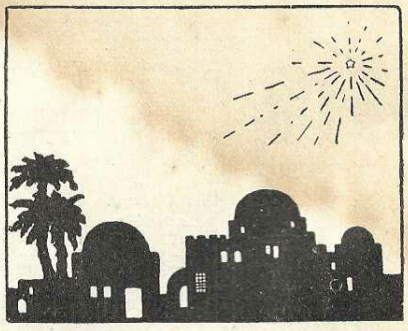
Havia um velho curral no planalto, onde os animais eram reunidos à noite, a salvo atrás de uma alta parede de pedra. Um bom fogo ardia proximo à porteira, pois a noite estava fria. Os pastores sentaram-se ao pé do fogo para tomar sua refeição simples, descansar e conversar.

— Meu filho, disse Heman a Benjamin, a primeira vigilia será tua. Leva uma merenda e monta guarda ao curral.

Benjamin foi acompanhado por Rufus, que abanava alegremente a cauda peluda, certo de que ganharia uma parte da refeição. Acabada a ultima migalha, Benjamin andou para cima e para baixo, diante da porteira, olhos e ouvidos átentos a qualquer movimento nas sombras ou ao menor som. Reinava profundo silencio no campo e Benjamin ficou com sono. Ele percebeu que estava muito cansado.

"Não me atrevo a dormir", pensou Benjamin. "Preciso estar alerta quando fico de plantão. Se eu cochilasse e um animal da barróca, acolá, atacasse as ovelhas!"

Tomando seu cajado de pastor, pôs-se a marchar para cima e para baixo, com coragem. Mais uma vez olhou para o grupo de homens ao redor do fogo crepitante. Lá estava quente. Ele tiritou de frio e ajustou melhor sua capa. Se estivesse perto do fôgo podia ouvir as historias que os homens



estavam contando. Sentiu-se triste, alí no escuro, no frio, mas precisava cumprir as ordens que recebera.

Um por um os homens perto do fogo, vencidos pelo sono, enrolaram-se nas

Rebanho

suas capas e adormeceram. Benjamin tinha por companhia apenas o fogo crepitante. Para lá e para cá, o menino e o cão faziam sentinela.

— Não podemos dormir nem brincar, meu Rufus, disse Benjamin, mas podemos guardar nosso rebanho fielmente.

Então estacou, admirado. Faltavam ainda muitas horas para o amanhecer, mas uma luz começou a brilhar ao seu redor e foi-se intensificando, de forma que o pastorzinho enxergava o campo todo, a parede de pedra do curral e os homens dormindo. A tremer, olhou para cima e viu um esplendor mais glorioso que o proprio dia enchendo o céu.

— Acordai ! Acordai ! ele gritou para os outros.

Estes levantaram-se de um salto e à vista do resplendor da luz caíram de joelhos. Ouviram então uma voz que dizia :

— Não temais ; porque eis aqui vos venho anunciar um grande gôzo, que o será para todo o povo ; e é que hoje vos nasceu na cidade de Daví o Salvador, que é o Cristo Senhor. E este é o sinal que vo-lo fará conhecer : Achareis um menino envolto em panos, e posto em uma mangedoura.

Depois muitas vozes cantavam :

— Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens, a quem Ele quer bem.

Depois luz e vozes desapareceram. Só ficaram o céu estrelado, o fogo mortiço e as dóceis ovelhas.

— Nós vamos encontrar uma criança, que é Cristo o Senhor, em Belém, disse Omar, maravilhado. Vamos lá sem demóra.

— A mangedoura deve estar na hospedaria, fóra da porteira, disse Jothan.

— Não é longe, disse Heman. Vem Benjamin, meu filho, tu tambem deves ver o que aconteceu.

Apressaram-se pela poeirenta estrada, temerosos e silentes. Afinal, ei-los no estabulo, ajoelhados diante da mangedoura.

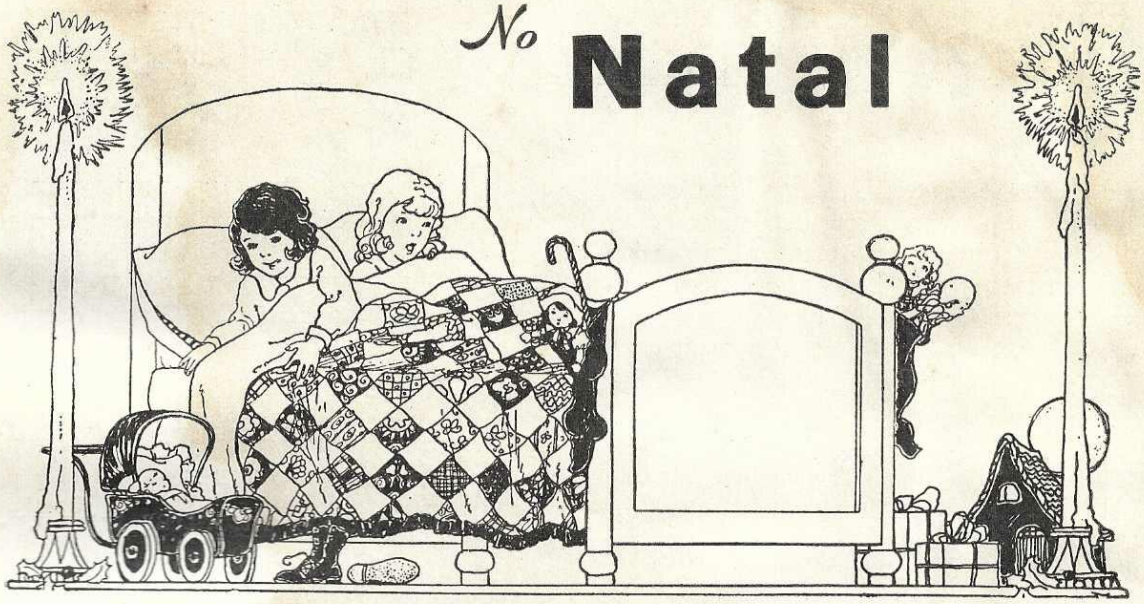
Um homem alto, de longas barbas, segurava uma lanterna para que eles pudessem vêr. Deitada no fêno, uma criança pequenina agitou-se, acordou e sorriu. Os pastores olhavam com admiração, lembrando-se das palavras que tinham ouvido :

— Um Salvador que é o Cristo Senhor !

E ao voltarem para junto do rebanho regozijavam-se, e contavam a nova maravilhosa a todos que encontravam. Quanto a Benjamin, considerava em silêncio :

— Que felicidade para mim que era a minha vez de vigiar !

No Natal



Na véspera do Natal,
a cama é tão exquisita !
A gente mexe e se agita
e nada do sôno vir !

Não é calor, não é frio,
nem sei o que seja ao justo :
é uma coisa cá por dentro,
mixto de alegria e susto...

Eu aperto, aperto os olhos,
fico quietinha... mas *qual* !

Na cozinha inda o pessoal
cochicha, frita pastel,
enrola bala em papel.
Por mais curiosa que eu fique,
por mais que apreste os ouvidos,
é só *chi-que - chi-que - chi-que* !

Tudo se embaralha, enfim,
e já não sei mais de mim...

Passam horas . Espreguiço.
Abro os olhos e que vejo ?
No meu quarto, um reboliço,
brinquedos, bonecas, meias
de frutas e doces cheias !

— Natal ! trila um passarinho.
— Natal ! diz o sol radioso.
— Natal ! segreda uma aragem.
— Natal ! exclamo com gozo.

Do meu coração farei
mangedoura pequenina
para receber meu Rei,
que me aquece e me ilumina.

A Oficina do José

O pequeno Leonardo Martins estava sentado na garage, no meio de uma porção de brinquedos espalhados pelo chão. O sol de Novembro entrava pela porta aberta. Em vez de assobiar alegremente, ele estava amuado.

— Hoje é sábado, resmungou, e não tenho nada a fazer senão empacotar estes cacarécos. Mas *preciso* mesmo fazer isto se eu quiser ganhar o transformador novo para o meu trem, os aparelhos para química e —

— Um transformador novo ? disse uma voz atrás dele. Era José Morais, que mostrava na porta sua carinha redonda, aberta num sorriso. Trazia sob o braço um pacote grande e na cara redonda um riso franco.

— E' isso mesmo, respondeu Leonardo, amuado, mastigando uma bala.

Mechas de cabelo escuro cairam-lhe na testa.

José era filho da Antonia, lavadeira. Ele pôs no chão o embrulho de roupa, abaixou-se, pegou um cubo de madeira e apontou para uma latinha com um pouco de tinta vermelha, jogada numa caixa de velharias.

— Será que você podia dar-me um pouco dessa tinta, Leonardo ?

— Largue disso ! gritou Leonardo àsperamente. Isto tudo aqui é meu, só meu !

Os labios trêmulos de José deixaram escapar um "Ah" assustado.

— Já sei. Você está separando seus brinquedos velhos para esperar o Natal.

A voz morreu num suspiro.

Leonardo olhou-o com dureza. José ergueu seu embrulho e saiu da garage.

— Até logo, Leonardo, disse ele.

A carranca de Leonardo acentuou-se.

"E' assim sempre. Este José só sabe perguntar asneiras, disse consigo mesmo. E' da conta dele os brinquedos que eu tenho ?"

E na raiva, deu um pontapé em um canhãozinho.

— Leonardo !

Era a voz de sua mãe, que o chamava da porta da cozinha. O menino foi caminhando devagar, de cara fechada, quando a ouviu dizer :

— Não se esqueça de trazer o caixotinho com lenha, Leonardo.

Porque aquele caixotinho precisava ser enchido logo quando ele estava ocupado ? Ninguem na casa, desde a Vovó até o Néné, percebia quanto trabalho dava encher caixotes e caixotes de lenha, todos os dias. Se eles soubessem quanto isso custava, não haviam de acender tanto fogo — era fogo para fazer a comida, fogo para esquentar o banho do Néné, fogo para ferver os panos de pratos...

Leonardo suspirou quando levou o ultimo páu, mas já a mamãe chamou-o de novo.

— Leonardo, meu bem, esqueci-me de tirar as abotoaduras da camisa de seu pái, que mandei para a lavadeira. Você quer ir lá correndo buscá-las, sim ?

— Sair agora com este sol de matar ? reclamou Leonardo. Eta vida !

E resmungando nunca ter tempo para fazer o que queria, pegou o boné e saiu, batendo a porta atrás de si.

— Não tem graça nenhuma, ia dizendo, enquanto o sol esquentava suas costas, ter sempre que fazer alguma coisa para os outros.

Porque é que seu pai não podia usar as outras abotoaduras ? Aborrecia-lhe a idéia de encontrar de novo José e

aguentar suas perguntas. Ele não caminhava como um menino estouvado mas como um velhote cansado, cheio de preocupações.

Depois de atravessar o canal, chegou por fim ao bairro onde morava a Antonia. Alí as casas eram pequenas, tinham poucas janelas e em algumas via-se um pedaço de papel colado na vidraça quebrada, para tapar o vento.

Achou logo a casa de José. Na porta estava alguem de joelhos, fazendo qualquer coisa no chão. Reconheceu logo José, que cortava um pedaço de pau.

— Boa tarde ! exclamou José amavelmente, parando o trabalho.

— Boas, retrucou Leonardo com indiferença.

Enfiou as mãos nos bolsos e caminhou devagar para a porta. Seu olhar caiu sobre um balão não terminado, nas mãos de José.

— Veiu brincar comigo ? perguntou José, sorrindo.

— Não. Mamãe mandou-me aquí buscar as abotoaduras de papai, que ela deixou na camisa, hoje cedo. Sua mãe está ?

— Está lá dentro, passando roupa.

Leonardo ergueu os olhos.

— Você não sabe, José, que agora não é mais tempo de soltar balão ?

Os olhares dos dois meninos encontraram-se.

— Sei, sim, explicou José, mas este não é para mim. E' para a cesta com brinquedos que a nossa Escola Dominical está preparando para os pobres.

— H-a-ah, foi só o que disse Leonardo.

Ele reparou que a camisa de malha de José já estava velha, até um pouco desfiada e que no seu macacão azul, desbotado, havia um buraco no formato da América do Sul.

— Venha ao porão e eu mostro para você quantos brinquedos já arranjei. Eh, rapaz, uma porção !

Leonardo não se entusiasmou. Pelo contrario, franziu o sobrecenho, aborrecido.

— Estou com muita pressa ; hoje não posso.

— Mas você precisa dar uma olhadela, Leonardo. Precisa mesmo.

"Que me importam os seus brinquedos velhos e quebrados ?" pensava Leonardo, descendo a escadinha escura atrás de José.

— Aqui é a minha oficina, anunciou José, cheio de orgulho, abrindo a luz.

Leonardo acendeu os olhos de admiração.

— Mas — mas onde você arranjou tudo isso ? gaguejou, ao ver um monte de aeroplanos, trens, jogos e brinquedos de toda a espécie, quebrados e concertados.

— Ora, arranjei-os com os freguezes de mamãe. E' divertido, rapaz ! Mas, sabe, preciso ainda de alguns para umas crianças lá perto da estação. Você não sabe onde poderei arranjar um patinete, uma bola, um jogo de damas, um... ?

Leonardo não ouviu mais nada. Sua cabeça estava rodando. Pensava nos seus brinquedos velhos, espalhados na garage.

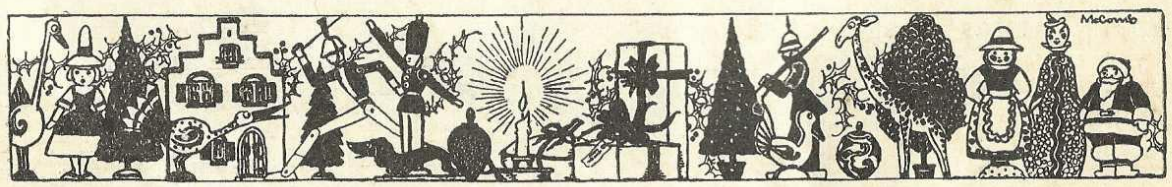
— Mas não vejo a graça de concertar brinquedos velhos e sujos para outras crianças, disse Leonardo, com acento triste.

Daí a pouco Leonardo voltava para casa com as abotoaduras de seu pai tilintando no bolso. O sol queimava-lhe o rosto, mas o menino não podia desviar o pensamento de José e seus brinquedos quebrados.

— Caramba ! exprobava Leonardo a si mesmo. Nunca pensei que ele fizesse tanto pelos outros, ainda mais que tem de ajudar a mãe buscando e entregando a roupa.

Leonardo lembrou-se tambem da menção honrosa recebida por José na escola.

Seu pensamento voltou-se imediatamente para o seu lar feliz, para os



lindos brinquedos, para os páis dedicados e muitas outras vantagens. Comparou-as mentalmente com o lar de José naquele bairro pobre e enfumaçado da cidade.

"E José ainda é uma criança, e tão pobre!" ponderou consigo mesmo ao aproximar-se de sua casa.

Como esta lhe pareceu bonita! Quando abriu a grande porta da frente, no brilho das vidraças refletia-se todo o agradável conforto do seu lar.

A' mesa, Leonardo parecia todo ocupado em comer o delicioso almoço preparado por sua mãe, mas o seu pensamento estava com José e seus brinquedos. Debalde procurava engulir o nó que tinha na garganta.

Ouviu então a avó dizer:

— Em que está pensando nosso homenzinho? Só comeu meia fatia de pão e geralmente come quatro.

Alguma idéia dominou por completo o menino. Com um apressado "Dão-me licença," levantou-se da mesa.

— Preciso acabar de arrumar meus brinquedos, explicou ele em resposta ao olhar interrogativo de sua mãe. Tinha tanta pressa de chegar à garage que se esqueceu de fechar a porta ao sair. Seu coração ia *bum-bum* acompanhando cada passo.

Em dois minutos tirou seu carrinho velho do puxado e, enxugando uma lágrima quente, desabafou:

— Eu tenho sido um avarento, um "pão duro" com os meus brinquedos e foi preciso que José mostrasse o meu erro.

O som de sua própria voz dizendo-lhe a verdade causou-lhe um grande alivio. O nó que tinha na garganta desapareceu.

Depressa encheu o carrinho de brinquedos — o patinete, a bola, o jogo de damas e muitos outros. Correu então para casa pegar o boné.

— Leonardo, o que você vai fazer?

Sua mãe parecia perplexa. Ele tinha as faces pegando fogo.

— E' que... que... a Escola Dominical de José está pedindo brinquedos para os... os pobres e quero dar alguns dos meus.

Leonardo observou a alegria estampada nos olhos de sua mãe quando esta lhe beijou a face.

Com aquele andar ligeiro e o carrinho carregado, Leonardo parecia um verdadeiro São Nicolau. Seus movimentos eram ágeis como se fosse manhã de inverno, apesar do calor que fazia.

Finalmente chegou à casa de José. Bateu à porta timidamente. José veiu abrir.

— Estão aqui os brinquedos que você queria, José,... e a lata de tinta tambem, declarou Leonardo com precipitação, firmando-se ora num pé, ora noutro. E... escute aquí, será que eu posso vir ajudá-lo a concertar esses brinquedos, todas as tardes depois da escola, isto é, até a hora em que preciso carregar a lenha para casa?

— E você ainda pergunta? Se quero! Será esplêndido!

José pulava de contentamento; depois batendo nas costas de Leonardo.

— Vamos começar a trabalhar já? O que você acha?

— De acordo.

E então com uma expressão diferente e humilde nos seus olhos redondos, Leonardo acrescentou:

— Escute, José, sinto muito ter sido tão... tão egoista hoje cedo.

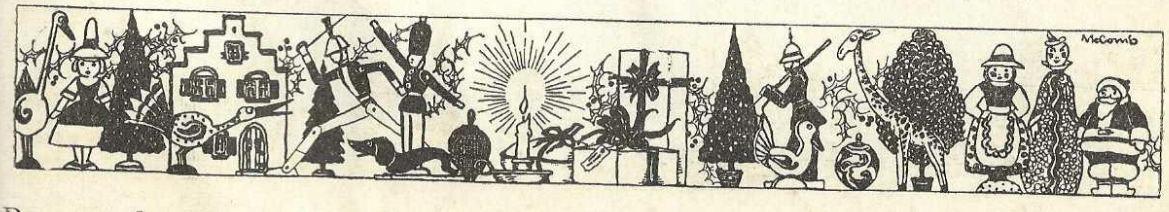
José ficou vermelho de alegria quando viu o carrinho cheio de brinquedos e gaguejou:

— Ora, não pense mais nisso.

E quando Leonardo voltava para casa duas horas depois, pela segunda vez naquele dia, dizia, feliz, de si para si:

"Afinal, agora tenho em que me ocupar. Daqui até o Natal vamos ter um tempo apertado!"

E com as mãos nos bolsos, assobiava alegremente o "Noite feliz".



Pirulito e Marimbau

UM ATO DE BRAVURA

Amarrado à grade do alpendre, Pirulito estava triste. Detestava ficar assim preso, especialmente quando era a vez de Marimbau ir passear com sua pequena dona, Anita. Bem que ele tinha ficado em pé nas patas traseiras, tão bonitinho, e implorado que ela o levasse ! Bem que tinha choramingado triste quando ela passou a corda ao seu pescoço ! Bem que ganira alto quando ela amarrou a corda na grade ! Mas qual ! — nem assim Anita o levou.

— Não, Pirulito, ela tinha dito ; você sabe que agora não é a sua vez e eu não posso levar os dois. Certa vez que fiz isso, você correu em volta de um gato e me deixou com as pernas amarradas a um poste telefônico. Você sabe disso muito bem.

Pirulito abaixou o rabinho, muito triste. Não podia compreender tudo aquilo, mas bem que percebeu, pelo tom de voz, que Anita estava contrariada com ele. Para que serviam então os gatos, senão para serem perseguidos por uns cachorrinhos arrepiados ? Quanto ao poste telefônico, Pirulito não tinha idéia do que seria. O que estava entendendo bem era que Anita e Marimbau iam sair juntos, fazer um passeio divertido, enquanto que ele, Pirulito, tinha de ficar amarrado à grade do alpendre.

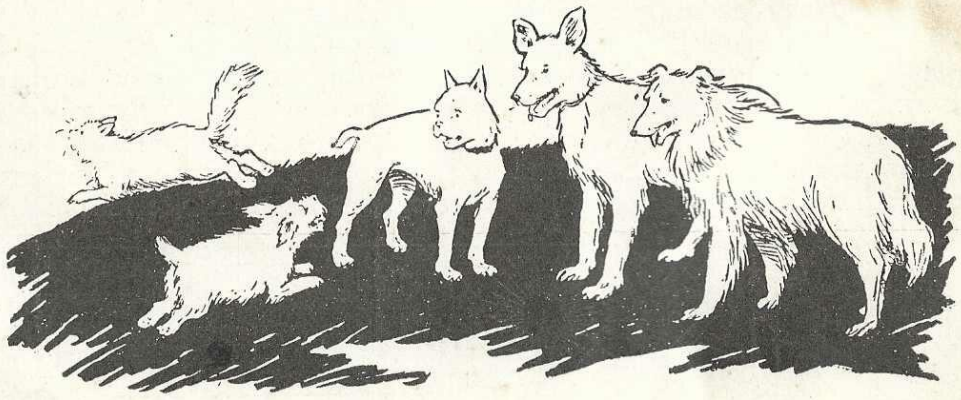
— Agora, sim, disse Anita, examinando o nó que tinha feito. Isto está firme.

O nó não era assim grande coisa, porque a cordinha era dura e Anita não tinha prática em dar nós ; mas Pirulito nem se lembrou de duvidar. Então Anita chamou Marimbau e lá se foram os dois para a rua. Marimbau estava tão entusiasmado que Anita ia meio arrastada e quasi ficava às vezes enrolada a uma arvore.

Pirulito ganiu como um louquinho até ficar certo de que os dois estavam longe demais para ouvir. Ninguem na casa, tambem, deu atenção para o seu desespêro. O cachorrinho sentiu-se desolado. Pela primeira vez na vida estava completamente só e aquilo não tinha graça nenhuma. Até o carteiro, para quem ele não "ligava", ou a gata Marquêsa, que detestava, teriam sido benvindos. Cada segundo parecia um minuto e cada minuto uma hora.

Pirulito bocejou com gosto, arrastou em volta um olhar sonolento e depois, com um suspiro profundo, estendeu-se no alpendre. Ao menos ele podia dormir até que sua patroazinha voltasse.

A um canto da casa, com um andar afetado, como se receasse sujar as patinhas de veludo, apareceu Marquesa, a gata ângora que a dona da casa tinha recebido como presente de ani-



versario. A mãe de Anita dizia que ela era "primus inter pares", e quando a menina perguntou-lhe o que queria dizer esse palavrório, ela explicou que Marquesa pensava ser melhor de que todos os outros gatos da rua. E era verdade, porque ela tinha lindos pêlos brancos e olhos azúis ; mas ninguem gosta de uma pessoa ou gato que se acha melhor do que os outros.

Pirulito abriu um olho e tornou a fechá-lo. Ele já tinha passado um mau bocado com a Marquesa e não queria repetir a dose. Que lição doída, aquela ! A gata tinha chegado em casa dias depois de Pirulito e Marimbau. Quando abriram a cesta, Marquesa ficou assustadissima por estar num lugar desconhecido.

Quando Pirulito viu um gato em casa, certo de que só servem para distrair cachorrinhos, ele correu ao seu encontro o mais depressa que pôde. Marquesa armou uma corcova nas costas e ficou alí, com todos os pêlos arrepiados, a cauda o dobro do tamanho, os olhos faiscando. Pirulito não se importou com tudo isso. Correu para a frente. Um segundo depois o cãozinho soltava um ganido de susto e dor. Com um arranhão fundo no focinho, sentido da vida, Pirulito meteu a cauda entre as pernas e foi-se esconder em baixo do fogão. Mas a lição valeu, porque desde aquele dia nunca mais olhou sequer para a Marquesa.

Do outro lado da rua, o bull-dog, vizinho da esquerda, estava-se divertindo com o collie do medico e um policial de outra rua. Já estavam um pouco cansados de correr e pensavam em mudar de brinquedo quando avistaram a Marquesa, que dobrava o canto da casa.

Pirulito compreendeu logo o perigo. Afinal de contas a Marquesa não era um gato qualquer : ela era da casa e portanto era tambem *seu* gato. Pirulito não passava de um cãozinho arrepiado, mas ele ficou de repente corajoso como um leão. Arreganhou os dentinhos de leite e rosnou como uma féra. Depois deu um puxão na cordinha. O nó de Anita não era firme e cedeu um pouco. Será que ele podia escapar ?

Nesse instante Anita apareceu na esquina, arrastada pelo impaciente Marimbau. Os tres cachorros já estavam péga – não – péga a Marquesa. Até Anita chegar lá, seria tarde. Ela gritou, gritou. Pirulito deu outro arranco na corda. O nó estava-se abrindo e acabou por desatar. Pirulito entrou em combate.

O bulldog, o policial e o collie ficaram tão admirados do ataque daquele cãozinho-nené que pararam um instante. A Marquesa fugiu à toda. Pirulito enfrentou os tres inimigos. Rosnou e latiu. Isso era demais para os outros. Eles podiam maltratar muito o pobre cãozinho, se quisessem, mas nesse momento viram Anita que vinha em disparada e julgaram melhor voltar para suas casas.

Por causa desse ato de bravura, Anita levou Pirulito ao açougue, onde ele ganhou um osso delicioso. E naquela noite Pirulito e a Marquesa encostaram um no outro o focinho, como sinal de paz e amizade.

Dois presentes de Natal da irmãzinha desses meninos estão escondidos na gravura. Procure-os, caro leitor.

. . Sugestões Para Presentes De Natal ...

Para a Mamãe

Um presente facil e util é uma capa de oleado para o livro de receitas da mamãe. Abra-o ao meio e corte em oleado branco, como se fosse em papel, uma capa com bordas suficientes para serem pespontadas aos cantos, no reverso da capa do livro — e assim em poucos minutos o presente está pronto.

Para o Papai

Seu papai gosta de doces? Ofereça-lhe então uma caixa com docinhos especiais feitos por você mesma.

Para a Vovó

Faça para a vovó um porta-chinelos de brim ou cretone, para ser pregado com tachinhas atrás da porta do quarto ou do guarda-roupa. Corte um pedaço de fazenda de 66 centimetros de comprimento por 40 de largura. Disponha sobre esse outro pedaço de 90 cms. de comprimento por 30 cms. de largura. Dobrando as bainhas em volta de ambos, pesponte-os juntos, aos lados. Visto como essa parte tem sobre a outra um excedente de 10 cms., a espaços suficientes para ser intercalado um sapato (por exemplo 22 centimetros marcados sobre a fazenda inferior) corre-se uma costura em sentido vertical, formando umas sacolas com uma prega-macha em baixo, de 6 centimetros.

Para os Irmãos

Os irmãos grandes gostariam de ganhar das irmãs lenços com bainha de olho feita a mão ; os pequenos, um saquinho de cretone com cordões vermelhos para guardarem bolinhas de vidro.

Para as Irmãs

De uma para outra irmã ha presentes faceis de fazer. Para as irmãs grandes, por exemplo, uma coberta de chita para cobrir os vestidos finos no cabide. Faz-se uma especie de saco, da altura do vestido, mas aberto em baixo e com um pequeno orificio em cima para dar saída ao gancho do cabide. Outro presente será um cabide estofado ligeiramente com pastas de algodão entremeadas de saquinhos de alfazema ou *sachet*.

Para uma irmãzinha ou prima será interessante presenteá-la com "As Barquinhas dos Tres Desejos." Elas são feitas de metades de casca de nóz, que se douram. Pinga-se parafina derretida. Antes que esta endureça, introduz-se um pedacinho de vela de Natal. Coloque as tres barquinhas numa caixa de cartolina, coberta de tirinhas de papel de seda vermelho. Dentro vai um cartão dizendo que a destinatária deve lançar as barquinhas ao mar, numa bacia, na noite de Natal. Se as barquinhas não forem a pique, os desejos se realizam — pelo menos é isso que se espera.

Para os Nenés

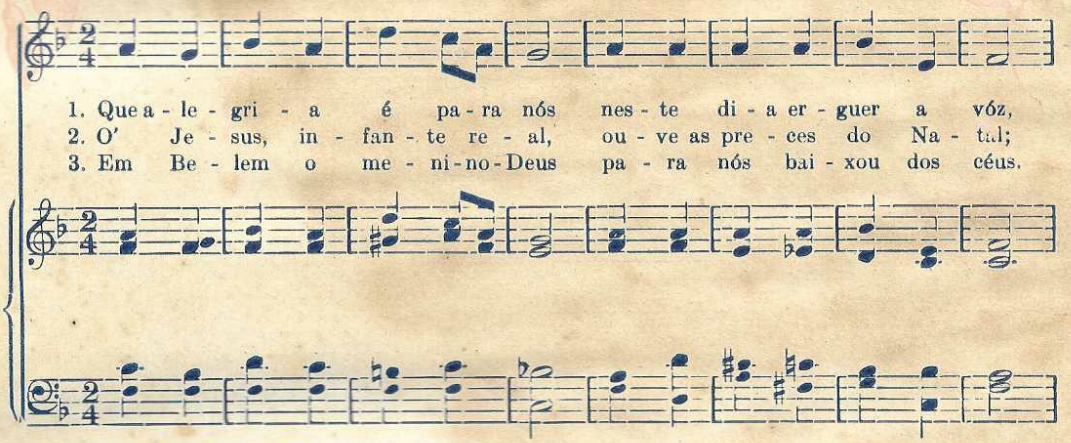
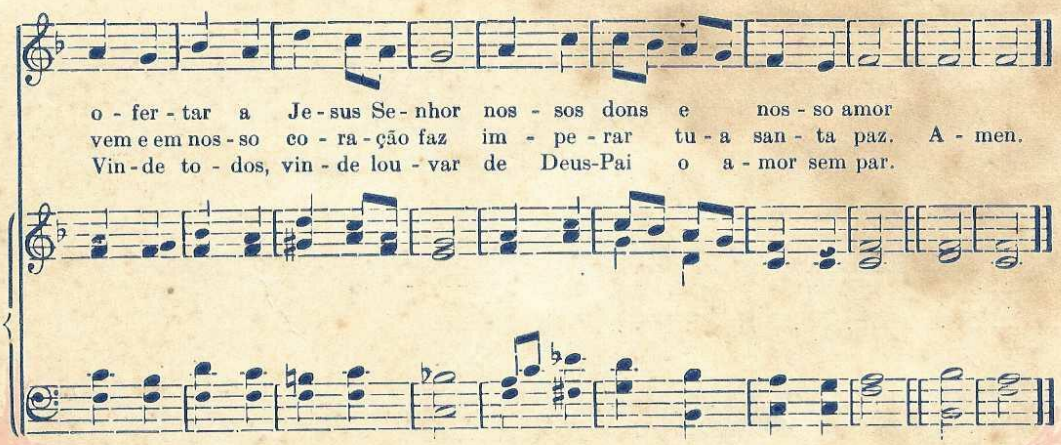
Para um nené, uma fieira de carreteis vazios satisfará plenamente. Reuna todos que puder, ferva-os bem, enfie-os a um cordel — e está pronto o presente. Se ele é de mais idade, forme de carreteis uma serpente, com um grande para a cabeça e outros menores para o corpo e cauda.

Pode-se fazer um gato engraçadinho de meia preta. Perto do pé da meia, passe uma costura a maquina, em sentido transversal. Corte fóra o pé. Vire a meia do outro lado. Amarre os dois cantos para formar as orelhas. Estufe a cabeça e corpo do gato com algodão. Amarre-lhe uma fitinha para formar o pescoço. Corte a ponta final da meia em tres tiras iguais e trance-as para formar a cauda. Costure dois botõezinhos como olhos ; uns pontos-de-laçada demarcarão o nariz ; uns fios serão os bigodes, e aí está um brinquedinho lindo para qualquer criança.

quem é que sabe?...

1) Completar : *Foram a toda pressa e acharam Maria e José e a criança deitada na mangedoura ;. . . . ?*
2) Quais são os países da America do Sul que têm costas aridas ?
3) Que era o jardim das Hespérides ?
4) Antes da Grande Guerra, que se chamava "o doente da Europa" ?
5) Qual foi a grande batalha naval cuja resultado impediu que Napoleão invadisse a Inglaterra ?
6) Quantos livros ha no *Velho Testamento ?*
7) Foi 1900 ano bissexto ?
8) Onde é produzida a maioria dos cravos (especiarias) do mundo ?
9) Qual a capital das Ilhas Hawaii ?
10) Porque certa marca de creolina se chama Cruzwaldina ?
11) Que imperador romano foi conhecido toda a sua curta vida pelo apelido que em criança lhe deram os soldados do seu pai ?
12) Se o preto é uma cor ?
13) Porque vemos o relampago antes de ouvir o trovão ?
14) Quantos filhos da Rainha Elizabeth se tornaram famosos ?
15) Que proporção da superficie do globo é composta de terra ?

Respostas ás perguntas de Novembro :

1) *De sorte que alcancemos um coração sabio.*
1) O Polo Norte.
3) Tampico.
4) Philoctetes.
5) Roma.
6) Espanha, Holanda e Inglaterra.
7) *Othelo.*
8) Oito. Havia : Noé, sua esposa tres filhos e tres noras.
9) 1914-1918.
10) O óxido carbônico.
11) Foi assinado o armisticio da guerra Mundial.
12) D. João VI.
13) Anibal Amilcar.
14) Thomas A. Edison.
15) Adolf Hitler.

CANTO
do NATAL